

O FOLHETIM

PUBLICAÇÃO DIARIA DE ROMANCES

DIRIGIDA POR VISCONTI COARACY E SANTOS CARDOSO

ASSIGNA-SE
na
Rua do Hospício 85

Preço da assignatura por mez

Para a Corte 1\$000
Para as Províncias... 1\$500

AS ASSIGNATURAS
começam
no 1.º de cada mez

A BASTARDA

PRIMEIRA PARTE

A AMANTE DO AMO

XI

SUZANNA

(Continuação.)

Só o Sr. de Vezay, no meio de seus convivas, não tomava parte alguma naquella licencioso desencadeamento.

Não era que a sua sobriedade tivesse sido maior do que a dos seus companheiros de mesa, nem tão pouco que elle ostentasse um ridiculo recato em semelhante occorrença.

O seu pensamento, porém, estava algures.

Onde?

Oh! Deus do céu! porque não o diríamos nós?

« Aquelle que nunca peccou seja o primeiro a atirar-lhe a pedra!... »

Seu pensamento vagava errante na floresta, sob a ramagem das arvores, pelas beiradas do lago.

Seu pensamento buscava, atravez da folhagem, o tecto da cabana onde Suzana Guillot habitava sozinha...

Donde nascia semelhante preocupação?

O conde amava a condessa Margarida, sua mulher, — amava-a exclusivamente e sobre todas as cousas.

Mas aquella moreninha de olhos negros agita-lhe os sentidos, despertara-lhe o enchame turbulento dos desejos carnaes.

No meio do infernal barulho que faziam em torno d'elle o tinir dos copos, o ruido das vozes estridulas e das canções, o conde era perseguido pela imagem de Suzana Guillot.

Diabolica e incensante miragem lh'a mostrava, não mais sob a grosseira roupa que se esforçava em vão para dissimular-lhe a pujante belleza, — não mais sob a touca de linho e o vestido de chita, mas com o traje negativo da amorosa deusa com quem, em sua linguagem floreada, o cavalheiro de Lucy a comparára.

Certo, a visão era seductora; mas, — ninguém o ignora, — chega um momento em que o proprio prazer, excessivamente prolongado, se torna doloroso.

Esse momento chegou para o Sr. de Vezay.

Quiz elle esquivar-se ao jugo da voluptuosa obsessão que o enervava.

Foi em vão.

Sua imaginação, violentamente excitada, não podia afastar a seductora imagem da morena camponesa, metamorphoseada na mais lasciva de todas as bacchantes.

Tres vezes a fio o Sr. de Vezay encheu o seu copo, e, tres vezes a fio, esvasiou-o de um trago.

Esperava elle, por meio da embriaguez do vinho, repellar a embriaguez dos desejos.

O que conseguiu foi accrescentar alguns grãos de torrido calor ao fogo liquido que já lhe corria nas veias.

Transformou a fogueira em fomalha, e nada mais.

Então, esforçou-se para prestar ouvidos ao que se dizia em torno d'elle.

Na situação moral em que se achava, uma distração qualquer seria de um valor inestimavel.

O cavalheiro de Lucy apoderou-se da palavra e narrava — aliás com muito espirito — uma anecdota da sua mocidade.

Não nos é licito senão indicar aqui, em poucas palavras, o assumpto dessa anecdota.

Quanto ás particularidades, teriam ellas cabimento e logar apropriado nas *Memorias de Jacques Casanova de Seingalt*, o cynico e celebre aventureiro; mas a nossa castidade de romancista impõe-nos o dever de nos abstermos.

Cousa estranha! — Essa aventura, uma das numerosas reminiscencias do passado do Sr. Lucy, offerecia singular analogia com a actual situação do Sr. de Vezay, e encerrava funesto ensinamento que demasiado devia o conde, infelizmente, aproveitar!

XII

A CABANA DE SUZANA

Contava o Sr. de Lucy que, voltando de uma excursão aos arredores de Tours, parára, afim de pernoitar na estalagem do *Cavallo Branco*, na aldeola de Bernay.

Depois de haver ceiado mediocrementemente, passeiava ao clarão da lua nas estreitas ruas da aldeia, — tomando fresco, ou antes á cata de alguma aventura, — *quærens leo quem devoret!* — como diz o psalmista.

Avistou, sentada em um banco de pinho, á porta de uma casinha cuja modesta fachada era coberta por magnifico pé de parreira, uma rapariga que lhe pareceu a mais seductora deste mundo.

O encontro dessa moça podia vir a ser o prologo de uma aventura, — aventura difficil de levar ao fim no curto periodo de algumas horas, mas, por isso mesmo, mais appetecedora.

Ora, o Sr. de Lucy conhecia perfeitamente dous proverbios, um francez e outro latino, ambos muito animadores:

« Quem não arrisca, não perde nem ganha! » dizia um dos proverbios.

« *Audaces fortuna juvat!* » dizia o outro.

O Sr. de Lucy resolveu arriscar muito, afim de obter alguma cousa, e violentar com a sua audacia os favores da Fortuna.

Começou por pedir informações a um camponio que passava e cujas confidencias comprou por um escudo.

Soube que a rapariga chamava-se Simôa.

Que tinha vinte annos de idade.

Que não se lhe conhecia namorado preferido ou favorecido.

Que morava com sua avó, — uma velha quasi cega e inteiramente surda.

Que a sua casa era aquella a cuja porta estava sentada.

Emfim, que o seu quarto ficava no sobrado, e que esse quarto recebia a claridade do lado da rua pela unica janella meio escondida na folhagem da parreira.

Quanto á avó, uma paralyisia da perna esquerda a obrigava a ficar no pavimento terreo, donde não sahia.

Estas informações foram sufficientes ao Sr. de Lucy para formar o seu plano de ataque.

Esperou elle que a noite ficasse escura, que as ruas estivessem desertas, que o *deus Morpheu* houvesse *sacudido as suas papoulas* sobre todos os habitantes da aldeia.

Depois, graças aos ramos da videira que lhe forneciam complacentemente os degrãos de uma escada improvisada, galgou ao longo da parede e chegou á altura da janella.

Tudo o favorecia na sua nocturna empreza.

Estava-se em pleno estio, a noite era abrasadora.

A imprudente Simôa tinha, ao deitar-se, deixado a janella entreaberta.

O cavalheiro empurrou a janella, saltou sem ruido no quarto e correu direito á cama, cuja posição o seu instincto de emerito seductor lhe fez adivinhar.

Dispertada em sobresalto por inesperadas caricias, Simôa começou por assustar-se.

Gritou um pouco, chorou bastante, supplicou muito.

Depois os gritos, as lagrimas e as supplicas cessaram como por encanto.

Simôa, completamente vencida, aceitava a sua derrota com sorprendedora philosophia.

Esta aventura fez com que o Sr. de Lucy, em vez de pôr-se a caminho no dia seguinte, se demorasse oito dias na aldeia.

.....

A narração do velho obteve os maiores applausos, e dez vezes repetidas beberam á sua saude.

Quanto ao Sr. de Vezay, mais inflammado ficára ainda ouvindo aquella narrariva, e fazia os mais ardentes votos para que os seus convidados se retirassem, afim de pôr em execução, sem demora, um plano que acabava de forjar em mente.

Afinal, os caçadores partiram uns após outros, e o Sr. de Vezay ficou sózinho.

Pouco mais seria além da meia noite.

Qual era o plano de que fallámos ha pouco?

Era simplesmente a intenção assentada de seguir o exemplo do narrador, e, da mesma maneira por que o cavalheiro se tornára amante de Simôa, tornar-se elle de bom ou de máo grado pussuidor da formosa Suzana Guillot.

Logo que o conde ouviu o ruido das rodas do ultimo carro sumir-se na distancia, desceu a escada do castello, e, entregando ao fresco da brisa nocturna a cabeça descoberta e abrasada, embrenhou-se nas profundezas do parque, tendo cuidado de seguir pela alameda que o conduzia directamente á porta mais proxima da lagôa onde fôra morto o veado.

Alcançou essa porta.

Abriu-a com uma chave que trazia sempre consigo, e metteu-se pela floresta.

Um quarto de legua, quando muito, o separava da lagôa.

Essa curta distancia foi transposta rapidamente.

O Sr. de Vezay avistou o pallido reflexo das estrellas na agua escura da lagôa, cuja superficie uma leve aragem achamalotava.

Reconheceu a arvore a cujo tronco a camponeza estivera apoiada.

Orientou-se no escuro, e não tardou que se achasse ao lado da humilde cabana cujo tecto la Ramée lhe mostrára atravez da ramagem.

O conde fez a volta em torno da cabana.

Era uma palhoça de lenhadores, na mais restricta e miseravel accepção da palavra.

Construida com troncos de arvores unidos uns aos outros, seguros por meio de ripas pregadas horizontalmente e cobertos de barro, aquella pobre habitação tinha apenas um pavimento terreo, composto

de dous compartimentos, que não eram nem assoalhados, nem ladrilhados.

No interior da cabana pisava-se no chão nú.

Aos raios do sol, o tecto da cabana parecia um verdadeiro jardim, tão coberto estava por uma multidão de parasitas.

Tinha apenas uma porta e duas janellas, sendo uma janella para cada compartimento.

Um ferro em fôrma de cruz dividia em quatro partes essas estreitas janellas, por onde coava-se duvidosa luz atravez dos pequenos vidros esverdeados, encaixilhados em chumbo.

A porta, de taboas de carvalho, abria-se por fóra mediante um ferrolho, e podia trancar-se solidamente por dentro.

Vê-se que, por mais miseravel que fosse aquella habitação, não podia comtudo, ser tomada de assalto, senão por meio de uma escalada, de um arrombamento, e de uma violencia.

Disso se convenceu facilmente o Sr. de Vezay, depois de haver examinado com attenção a porta e as janellas.

Nem se quer existia o recurso de quebrar um vidro afim de introduzir o braço e abrir depois a janella, pois o ferro em fôrma de cruz estava enterrado em cima e em baixo nos troncos da arvore.

Entretanto o Sr. de Vezay queria entrar.

Como, porém, fazer?

Levantou o ferrolho da porta, e encontrou invencivel resistencia...

A porta estava trancada por dentro.

Tinha elle que ficar do lado de fóra, a menos que a propria Suzana abrisse a porta.

Ora, Suzana abriria?

Era incerto, pelo menos.

Qualquer outro, em presença de taes obstaculos, teria sem duvida renunciado a consummar um acto de culpada demencia...

Mas dupla e ardente embriaguez, — tanto mais terrivel no Sr. de Vezay, quanto era mais rara — o impellia fatalmente a proseguir no seu maldito intento.

Lembrou-se elle do proverbio posto em pratica pelo Sr. de Lucy:

« Quem não arrisca... »

Resolveu, pois, arriscar audaciosamente tudo, — e, com o coração a palpitar, bateu á porta.

A primeira pancada foi tão fracamente batida que apenas echoou no sonoro silencio da noite.

Suzana não a ouviu.

O conde esperou cerca de meio minuto; depois, vendo que não lhe respondiam, bateu segunda pancada.

Esta, mais energica, dispertou um echo na cabana e outro na floresta.

Um fraco ruido e um leve movimento se fizeram no interior da habitação.

Depois, um passo ligeiro se aproximou da porta.

O sopro contido de uma respiração agitada chegou aos ouvidos do Sr. de Vezay, atravez das taboas grosseiras, mas solidamente unidas.

Afinal uma voz, que o susto tornava quasi indistincta, perguntou:

— Quem esta ahi?...

— Abra... murmurou o conde.

— Abrir!.. a esta hora da noite!.. pois não!.. Vamos, siga o seu caminho e deixe-me dormir...

— Abra, eu lhe peço, Suzana!.. repetiu o Sr. de Vezay.

— Ah! que insistencia é esta em entrar!.. Quem é o senhor?...

Antes de responder, o conde hesitou.

Comprehendeu logo, porém, que, se uma probabilidade havia para que aquella porta se lhe abrisse, essa probabilidade estava na confissão do seu verdadeiro nome:

E respondeu:

— Pergunta-me quem sou, Suzana?... Sou o conde de Vezay.

— Ah! Deus meu! exclamou a rapariga; isso é verdade?...

— Dou-lhe a minha palavra de honra!

Seguiu-se um momento de silencio.

Sem duvida, Suzana estava-se consultando consigo mesma.

A deliberação não se demourou muito.

Eis o resultado:

— Sr. conde, respondeu a camponeza, esta ruim cabana onde moro pertence-lhe, visto que meu defunto pai, que estava a seu salario, construiu-a no seu terreno... e com sua madeira... — Devo-lhe obediencia, Sr. conde, e preferiria mendigar o pão a faltar-lhe ao devido respeito... Mas pedir-me que abra a minha porta á semelhante hora, e quando estou sózinha, é mais do que se póde exigir de uma rapariga honesta... Não me fique querendo mal, nem se encolerise contra mim, Sr. conde, se não lhe obedeco... tenho immenso pezar... mas isso não é possivel...

Esta linguagem, tão digna e tão nobre, não fez o conde renunciar ao seu infame projecto.

A venda posta pela paixão no seu juizo era demasiado espessa, e nada podia desatal-a.

A imprevista resistencia de Suzana Guillot não teve outro resultado senão inspirar ao Sr. de Vezay um vergonhoso e vil estratagemá.

O fidalgo não corou de mentir á pobre rapariga afim de attrahir-a a uma cilada inevitavel.

— Então, murmurou elle; então, Suzana, vai deixar-me aqui, á sua porta, sem soccorro, até que amanheça?

— Sem soccorro?... repetiu a camponeza; e de que soccorro carece o Sr. conde?...

— Cahi do cavallo ha pouco, a cem passos daqui; tenho o pé deslucado, quebrado talvez... vim de rastos, com muito custo, até á sua cabana... porém não posso ir além, e estou soffrendo horivelmente...

O excellente coração e a singeleza de Suzana não lhe permittiram reflectir na excessiva inverosimilhança da narrativa do conde.

— Ah! Deus do céu! exclamou a pobre rapariga; ah! Deus do céu!... se eu soubesse!...

E, sem perder tempo em enfiar uma saia, suppondo-se protegida, além disso, pela pudica escuridão

contra os olhares indiscretos, Suzana puchou o ferrolho e abriu a porta.

O Sr. de Vezay, afim de evitar a desconfiança da rapariga, acocorara-se junto á soleira.

— Dê-me a sua mão, disse elle, para ajudar-me a erguer-me...

Suzana estendeu-lhe ambas as mãos.

O conde, fingindo que não podia servir-se senão de um unico pé, entrou na cabana, amparado por Suzana.

Apenas, porém, tinha transposto a entrada da hospitaleira habitação, os papeis se trocaram.

O Sr. de Vezay empurrou a porta, correu rapidamente o ferrolho, tomou nos braços a rapariga desvairada e cobriu-a de beijos.

Suzana debatia-se com terrivel energia.

Mordeu o conde, entranhou-lhe as unhas nas mãos, gritou por soccorro, estorceu-se soluçando, rogou a Deus que a protegesse.

Foi tudo inutil. Deus se conservou surdo! O conde foi desapiedado!...

A' luta, aos gritos, á supplica seguiram-se o torpor e o aniquilamento.

A misera estava vencida....

Quando o Sr. de Vezay, depois da partida de seus hospedes, se afastava do castello e corria para consummar o seu covarde attentado, não desconfiava de modo algum que era seguido e espreitado.

Entretanto assim acontecia.

A começar do momento em que o conde transpuzera o ultimo degráo da escada exterior do castello e se encaminhára para o parque, um homem, que parecia regular o passo pelo delle, puzera-se a segui-lo.

Quando o conde caminhava mais apressado, o desconhecido apressava o passo tambem.

Quando o conde parava, o desconhecido parava ao mesmo tempo.

Deste modo chegaram ambos á cabana da camponeza.

O desconhecido assistiu, sempre invisivel, ao curto dialogo que reproduzimos e cujo desenlace conhecemos.

Quando, aos queixumes suffocados da infeliz rapariga seguiu-se o silencio, o homem esfregou as mãos satisfeito.

Esse homem era la Ramée.

XIII

A UNICA SAHIDA

Algumas horas depois o Sr. de Vezay, de volta ao castello e chamado á razão, sentiu tanta vergonha quanto remorso pela detestavel acção que havia praticado em um momento de incomprehensivel loucura.

Para que serve, porém, o remorso, quando o mal é irremediavel?..

Para cousa nenhuma; ás vezes, nem mesmo para preservar de uma nova falta!..

Pois que o conde lembrou-se da soberana belleza de Suzana, e essa lembrança ardente reavivou-lhe a chamma dos sentidos.

Voltou de novo á cabana.

Encontrou a rapariga entregue ao mais profundo desespero.

Esforçou-se por consolal-a.

Conseguiu-o, e seguiram-se entrevistas nocturnas até á vespera do regresso da Sra. de Vezay, isto é, durante um mez e alguns dias.

O Sr. de Vezay era culpado, porém não corrompido, e nem mesmo tinha a idéa de continuar nas relações com Suzana quasi aos olhos de sua mulher.

A resolução de romper completamente com a sua passageira amante estava perfeitamente assentada em seu espirito.

A si proprio tinha elle jurado que tudo se acabaria logo que a condessa estivesse de volta, e teve coragem de cumprir o seu juramento.

Apressemos-nos em accrescentar que o conde,—cavalheiro como era, a si mesmo promettêra procurar um meio qualquer engenhoso de assegurar á rapariga uma existencia livre e independente, sem compromettel-a com os seus beneficios.

Um dia,—cerca de quinze dias depois da ultima entrevista nocturna dos dous amantes,—o conde seguia sózinho e a cavallo por um dos atalhos da floresta.

Um camponezinho maltrapilho sahiu do matto, quasi de sob os pés do cavallo do Sr. de Vezay, e aproximou-se deste ultimo, com o barrete de algodão riscado na mão.

(Continúa no proximo numero.)

EXPEDIENTE

Agradecendo aos Illms. Srs. assignantes que têm satisfeito as importancias de suas assignaturas, rogamos áquelles que ainda o não fizeram o obsequio de as mandar entregar ao escriptorio do *Folhetim*, rua do Hospicio n. 85.

Em tempo tambem avisamos ás pessoas que quizerem continnar a receber o *Folhetim* que a remessa da folha será suspensa, desde que a assignatura não seja reformada com precedencia.

OS EDITORES.